



FICÇÕES ECOCRÍTICAS NAS OBRAS MEIA PATA E MUKANI DESCOBRE SUA FORÇA¹

ECOCRITICAL FICTIONS IN THE WORKS MEIA PATA AND MUKANI DISCOVER THEIR STRENGTH

Ronilson de Sousa Lopes²

Francisco Aquinei Timóteo Queirós³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar duas obras de literatura ambientadas na região Amazônica e que foram escritas na atualidade: Meia Pata (2022), de Ricardo Dantas e Mukani descobre sua força (2023), de Renata Tolli, Virginia Gandres e Joaquim Maná Huni Kuin. Como processo de análise, utilizou-se como corpora teórica textos de autores como Singer (1975), Garrard (2006), Maciel (2011), Nunes (2011), Ferry (2009), Freire e Albano (2024), Guimaraes (2024), Adriano (2024), dentre outros. Como processo metodológico foi utilizado o método bibliográfico, enquanto que a base de análise a ecocrítica, utilizando as categorias: subjetividade animal, a senciência, que seria a capacidade de reconhecer as emoções, os sentimentos e mesmo os pensamentos ligados aos não-humanos; o reconhecimento do direito de os animais existirem, gozar de bem-estar e possuir seu espaço natural. A partir do exposto, inferimos que as obras analisadas sejam de literatura amazônica e que reconheçam a subjetividade animal, portanto, que sejam ecocríticas.

Palavras-chave: Literatura; Ecocrítica; Pan-Amazônia; Não-humano.

ABSTRACT

The present article aims to analyze two works of literature set in the Amazon region that were written in the present day: Meia Pata (2022) by Ricardo Dantas and Mukani Discovers Her Strength (2023) by Renata Tolli, Virginia Gandres, and Joaquim Maná Huni Kuin. As a process of analysis, theoretical texts by authors such as Singer (1975), Garrard (2006), Maciel (2011), Nunes (2011), Ferry (2009), Freire and Albano (2024), Guimarães (2024), Adriano (2024), among others, were used as a corpus. The bibliographic method was employed as the methodological process, while ecocriticism served as the basis for analysis, using the categories: animal subjectivity, sentience, which is the capacity to recognize emotions, feelings, and even thoughts related to non-humans; the recognition of the right of animals to exist, to enjoy well-being, and to have their natural space. From the above, we infer that the works analyzed are of Amazonian literature and recognize animal subjectivity; therefore, they are ecocritical.

Keywords: Literature; Ecocriticism; Pan-Amazon; Non-human.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC). Mestre em Estudos Literários (MEL/UNIR). E-mail.: ronilson.lopes@sou.ufac.br. <https://orcid.org/0000-0001-7684-8954>

³ Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC). Cursa Pós-doutorado em Comunicação, no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: aquinei@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-5085-7668>

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos algumas obras literárias de autores que produziram ou produzem literatura Pan-Amazônica⁴. A proposta deste estudo surgiu a partir das discussões propiciadas na disciplina de Cultura e Literatura na Pan-Amazônica, no curso de Doutorado em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), da Universidade Federal do Acre (UFAC), no segundo semestre letivo do curso, no interstício de janeiro a março de 2025. Durante as aulas, foram apresentados diversos autores que teorizam sobre múltiplos conceitos de cultura (tema do qual não tratamos neste texto), bem como estudiosos que pesquisaram sobre Literatura Amazônica (que é o nosso foco), considerando seus principais autores, influências e características dessas produções literárias.

As obras por nós analisadas foram: Meia Pata⁵ (2022), de Ricardo Dantas e Mukani descobre sua força (2023), de Renata Tolli, Virginia Gandres e Joaquim Maná Huni Kuin. As mesmas possuem gêneros diferentes, o primeiro é um romance; enquanto que o segundo é uma novela; o que eles têm em comum, além do fato de serem escritas em prosa, é que tanto um quanto o outro estão ambientadas no contexto amazônico. Todavia, ainda nos cabe desvelar os seguintes aspectos: ambas podem ser consideradas como produções ecocríticas? Que relações entre humanos e outros-que-humanos⁶ eles apresentam? Como descrevem os não-humanos?

Para o desenvolvimento do presente estudo, utilizamos a metodologia qualitativa, pois buscamos compreender o corpus da pesquisa por meio de observação dos aspectos descritivos ao interpretá-los não de forma quantitativa, mas a partir de uma abordagem discursiva. Para a obtenção dos dados, procedemos à coleta bibliográfica, que “tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria bibliografia sobre o tema ou o objeto de pesquisa que se pretende investigar” (Tonazi-Reis, 2010, p. 42, grifo nosso). Interrogando-as, questionando, enfim, pondo-as para dialogar.

Dessa maneira, “[...] vamos buscar, nos autores e obras selecionadas, os dados para a produção de conhecimento pretendido” (Tonazi-Reis, 2010, p. 42). Esse procedimento é muito simples e exige leitura. Para tanto é necessário rigor e disciplina, uma vez que essa leitura precisa ser

⁴ Literatura Pan-Amazônica diz respeito à produção literária elaborada por autores internos ou externos a este local, que seja ambientada na Amazônia.

⁵ A primeira versão deste livro foi lançada em 2013, pela Editora Kazuá, a segunda, em 2016, por esta mesma editora e, a terceira foi lançada em 2022, pela Editora Unilivreira. Aqui estamos trabalhando com a terceira versão.

⁶ Trata-se de tradução do termo — other-than-human beings cunhado por Marisol de la Cadena em Earth Beings: Ecologies of Practice across Andean Worlds (2015). Adotaremos igualmente os termos outros que-humanos e não-humanos para nos referirmos aos animais, às plantas, ao vento, à chuva etc.

aprofundada, para que possamos fazer a interpretação adequada dos dados coletados. Tonazi-Reis (2010) afirma que:

A produção de conhecimentos resulta do trabalho de investigação científica que toma a pesquisa bibliográfica como modalidade e não se reduz a uma apresentação das ideias de diferentes autores acerca do tema estudado. Do contrário, exige do pesquisador a produção de argumentações sobre o tema, oriundas de interpretação própria, resultado de um estudo profundo sobre o assunto. Concordar, discordar, discutir, problematizar os temas à luz das ideias dos autores lidos são os procedimentos dessa modalidade de pesquisa (Tonazi-Reis, 2010, p. 43).

Portanto, é necessário efetivar uma leitura crítica, interrogando o texto, concordando com a leitura feita ou refutando-a a partir dos conceitos dos teóricos que escreveram a respeito.

Segundo a Asociación Interdisciplinar Iberoamericana de Literatura y Ecocrítica “o termo ecocrítica fue acuñado en 1978 por William Rueckert en su ensayo *Literatura y Ecología: Un experimento en Ecocrítica*” (Online, s. d, n. p.). Conforme Garrard “a ecocrítica singulariza-se, entre as teorias literárias e culturais contemporâneas, por sua estreita relação com a ciência da Ecologia” (2006, p. 16). Por isso, o estudo das obras literárias possibilita a compreensão discursiva a respeito do humano e do não-humano.

Assim, a partir do estudo da literatura, buscamos verificar as representações dos animais e da natureza mediante esse campo de estudo. Para Garrard, a ecocrítica:

É uma modalidade de análise confessadamente política, como sugere a comparação com o feminismo e com o marxismo. Os ecocriticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político “verde”. Neste aspecto, ela se relaciona de perto com desdobramentos de orientação ambientalista na filosofia e na teoria política. Desenvolvendo as percepções de movimentos críticos anteriores, os ecofeministas, os ecologistas sociais e os defensores da justiça ambiental buscam uma síntese das preocupações ambientais e sociais (Garrard, 2006, p. 14).

O estudo das representações dos animais e do meio ambiente como um todo é de grande relevância, uma vez que através desses estudos, podemos elaborar uma crítica desses imaginários. Desse modo, como ingenuamente se poderia pensar, não há neutralidade na análise. Essa modalidade de estudos é confessadamente realizada por aqueles que defendem a causa animal e a política ambiental.

Além desta introdução, o presente texto está organizado nas seguintes seções: 2) Literatura Pan-Amazônica; 3) Análise das obras - Literatura ecocrítica?; 4) Considerações finais.

2. LITERATURA PAN-AMAZÔNICA

O termo literatura Pan-Amazônica é discutível. Há quem discorde de sua utilização pelo fato de a Amazônia ser uma invenção discursiva e também para fugir do estereótipo pejorativo de que a literatura aqui produzida seja regional e, portanto, considerada menor, em termos estéticos, do que a literatura produzida em outros lugares, como, por exemplo, em São Paulo, que seria considerada universal.

Alison Marcos Leão da Silva (2017), no verbete “Literatura Pan-Amazônica”, esclarece que a expressão Pan-Amazônia “surgiu em um contexto político, de articulação entre os países que compõem esta região (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela), quando se discutia o Tratado de Cooperação Amazônica (TCA)”. (Silva, 2017, p. 167). Logo, em um contexto de geopolítica internacional. De acordo com esse mesmo autor, o mentor intelectual da expressão foi o General Carlos de Meira Mattos, quando exercia a função de Vice-chefe do Estado Maior das Forças Armadas, em 1973.

Desse modo, é notória a criação da Pan-amazônia, datada e cartografada, produto da invenção, da linguagem discursiva, como afirma Gerson Rodrigues de Albuquerque (2024) no verbete “Amazonialismo”: “O significante Amazônia é parte da própria invenção do termo. Trata-se, a rigor, de um significante marcado pela impossibilidade de ter um referente no mundo real” (Albuquerque, 2024, p. 78). Nesse sentido, no texto Amazonas: natureza e ficção, Silva (2011) assegura que:

Ao contrário do que acreditava os herdeiros do positivismo, não há como compreender uma leitura objetiva do mundo natural em si, pois este nos chega já mediado por visões anteriores. A natureza é, assim, também um construto linguístico e cultural, distinto da realidade natural e formado por meio da sedimentação de percepções e imagens que nos precedem. Um signo no interior de um sistema de significações, a natureza é, ao mesmo tempo, algo concreto, externo a nós, bem como uma construção discursiva e representação de nossa alteridade mais radical (Silva, 2011, p. 14).

Portanto, quando falamos de literatura Pan-amazônica, estamos nos referindo a narrativas, produção de discurso sobre esse lugar inventado, criado discursivamente e, cremos que isso não seja um problema, uma vez que tudo que existe é produto do discurso, não somete a Amazônia, mas todos os lugares nomeados.

José Guilherme dos Santos Fernandes, no artigo Literatura brasileira de expressão Amazônica, literatura da Amazônia ou literatura Amazônica? (2024), discutindo sobre a querela literatura amazônica ou literatura brasileira de expressão amazônica escreve:

A fricção e a ficção entre o universal e o local (aqui, entenda-se entre o nacional e o regional) descortina um fato mais reticular que é a IDENTIDADE, e na querela aqui tratada tem a ver com a relação entre o estético e o político, e porque não dizer o patético do sentimento de pertença a uma nação (compreendendo nação como o sentimento de identidade, história e destino comuns entre os usuários de uma dada cultura) (Fernandes, 2024, p. 113, grifos do autor).

Nesse sentido, há relevância em escrever pondo em relevo os elementos que corroboram com a questão da identidade, o que não quer dizer que isso torne as literaturas produzidas com essas características como sendo de menor valor estético.

Esse mesmo autor traz uma questão relevante para o debate, que é sobre quem produz Literatura Amazônica, como podemos visualizar no excerto,

Uma literatura localista não é a que obrigatoriamente é escrita por quem nasceu na região, mas toda aquela em que o local é descortinando como reflexo do universal, como a especificidade de uma região tratada na dinâmica do Mundo, e, não esqueçamos, através da “ pena” (dupla pena) de uma voz crítica e criativa, que não sofre pressões e nem força a barra para apresentar se mais ... “original”. Basta o narrador viver e conviver, através da narração, com a realidade anunciada, o que destitui a narrativa do seu sentido ideológico mais canhestro: a questão da autoria pouco importa em face do modo como a narrativa é construída, isto é, pouco importa a certidão de nascimento do autor porque sua ascendência, seu lugar de enunciação, se objetiva no modo de sua narração, de construir sua relação entre o local e o universal, de montar cenários e paisagens na narrativa (Fernandes, 2024, p. 115).

Assim, concordando com esse ponto de vista, pensamos que a literatura Amazônica ou Pan-amazônica pode ser produzida por escritores internos ou externos a essa região, mas que escreve, segundo esse autor, o local como reflexo do universal, descrevendo as paisagens, mas não só, também narrativas que busquem inferir descritivamente sobre as culturas e modos de vida das pessoas que aqui habitam.

A literatura clássica produzida sobre a Pan-Amazônia traz características bastante peculiares, demasiadamente euclidianas, em que, pendularmente, por um lado, é descrita como um espaço vazio (de seres humanos), como a gênese bíblica, conforme escreve o próprio Euclides da Cunha (2009) no livro Um paraíso perdido: “realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese” (Cunha, 2009, p. 109), com paisagens deslumbrantes, mas ainda em formação; por outro lado, é descrita como um inferno verde: “há alguma cousa extraterrestre naquela natureza anfibia, misto de águas e terras, que se oculta, completamente nivelada, pela sua própria grandezza” (Cunha, 2009, p. 138); aqui, a natureza amazônica é retratada como hostil ao ser humano, moldando seu caráter, derrotando-o com sua força descomunal. Luciana Murari (2009) aponta como exemplos de narrativas que trazem essas influências: A retirada da Laguna,

de Visconde de Taunay (1874); o Inferno verde, de Alberto Rangel (2021); e Terra caída, de José Potyguara (1998).

3. ANÁLISE DAS OBRAS - LITERATURA ECOCRÍTICA?

3.1 Meia Pata

Meia Pata (2022), do escritor potiguar Ricardo Dantas, conta a história de Daniel, um biólogo contratado por uma grande empresa para fazer um manejo florestal em Caracaraí, no interior do Estado de Roraima. Todavia, aquela localidade da selva amazônica era o habitat de uma onça e, por isso, o felino começou a atacar os animais domésticos dos trabalhadores e, posteriormente, os próprios humanos, fazendo com que Daniel tenha que caçá-la.

Daniel passou a conviver com um grupo de sertanejos que contratara, em nome da empresa, para realizar o manejo. São pessoas simples, mas ele não! Ele é um estudante, um pesquisador... Mesmo assim, não pensou outra solução a não ser matar o animal, que é descrito como capaz de sentir dor e tristeza:

A pintada despertou de seu transe ao sentir a apertada toca parcialmente inundada pela água da nascente. Imediatamente averiguou a parte flagelada. Lambeu lentamente o ferimento. Farejou o membro e reconheceu o mesmo odor existente em carcaças de animais mortos. Soltou um grunhido baixo, triste e longo. Aproveitou para beber a água que escorria para o interior da gruta (Dantas, 2022, p. 9).

No excerto em destaque, a onça está escondida, tentando escapar da ameaça constante de cachorros e seres humanos que rondam pelas proximidades. Ali, ela tenta se recuperar de um ferimento na pata, em decorrência de projétil que dilacerara metade de seu membro. A narrativa descreve os sentimentos da onça com as palavras “dor” e “triste”, bem como relata que ela está escondida em uma gruta e o porquê, levando o leitor a intuir que, estando ferida, a onça não poderá correr e, portanto, não terá forças para o confronto. Assim, o narrador leva o leitor a imaginar que o animal é inteligente.

Um aspecto interessante a ser analisado mediante um caso como esse é apontado pelo filósofo Peter Singer (1975), no livro Liberação animal, em que o autor afirma que “a capacidade de sofrimento e alegria é, no entanto, não apenas necessária, mas também suficiente para que possamos afirmar que um ser tem interesses – a um nível mínimo absoluto, o interesse de não sofrer” (Singer, 1975, p. 20). Portanto, o interesse do animal deveria ser considerado; neste caso, o interesse de não sentir dor.

Alguns poderiam dizer que essa teoria se inscreve no utilitarismo, que defende o bem-estar para a maioria e, no caso na narrativa em tela, a onça deveria ser sacrificada em prol dos trabalhadores; por outro lado, seria bem mais interessante considerar o interesse de centenas de animais prejudicados com a derrubada da floresta, uma vez que “o único critério moral significativo não pode ser senão a capacidade de sentir prazer e sofrimento” (Ferry, 2009, p. 77). Desse modo, a onça simboliza a ameaça de uma floresta inteira.

No artigo intitulado *O animal humano e o inumano* em Meia Pata de Ricardo Dantas, Beatriz Ferreira e Adriano Albano (2024) escrevem que a narrativa aponta a subjetividade do humano e do não-humano:

Cabe ponderar que a narrativa de Dantas (2013) é também sobre o animal, sobre a onça. A narrativa faz pensar sobre questões humanas e sociais. O texto não utiliza o animal como metáfora que o “apaga” como um movimento para apenas se pensar/entender o humano, vai além do pressuposto de que a presença do animal na literatura serve apenas para pensar a noção de subjetividade humana. Dantas (2013) nos faz pensar sobre o não humano, abordando a complexa questão da alteridade, o animal e a relação que os cercam (Freire; Albano, 2024, p. 266).

Segundo os autores, a narrativa provoca a reflexão sobre a alteridade, o não humano. Evidentemente, essa mesma narrativa apresenta, de forma ficcional, a violência contra os animais em decorrência da ganância humana, que quer destruir a natureza para fazer dinheiro.

A narrativa também apresenta diversos elementos da cultura indígena Macuxi, entre eles o personagem Tuxaua Parente, o qual será apresentado por sua filha Iara, a Daniel:

Foi apresentado para Daniel que se intimidou com a imponência do líder da aldeia Warara’Pai. Usava um cocar sumptuoso, pintura corporal, e um colar feito de sementes de diversas espécies de árvores e plumagens. Tratou Daniel com bastante receptividade e aos poucos o biólogo foi ficando seguro ao ponto de fluírem em uma conversa com debates. Ouvia com atenção Tuxaua Parente explanando sobre o contexto da luta indígena em resistência para assegurar suas terras e sua cultura (Dantas, 2022, p. 174).

Portanto, como vemos no excerto, há elementos da cultura indígena no livro e é com essa cultura que o personagem Daniel vai aprender, inclusive, ter força e coragem para conseguir vencer a onça. Embora essa cultura, narrada ficcionalmente na obra tenha elementos de respeito e compreensão para com os outros-que-humanos,

— Venha, amor! Vamos nadar! Pule na água! — Não sei, Iara... Não gosto muito de água. Tenho medo... Não vou mentir... Sucuri... Jacaré... — Oras! Então, haja como um deles que não será molestado! Respeite-os como donos do lago e mostre que também sabe admirar a Natureza, Pataa’Maimu, tudo o que sentimos e somos! (Dantas, 2022, p. 182).

Dessa forma, há uma dualidade, uma vez que há essas duas culturas, a indígena e a não-indígena e, nesse sentido, há uma tentativa de apropriação da cultura para fins de dominação.

3.2 Mukani Descobre Sua Força

O livro *Mukani descobre sua força* (2023), dos escritores Renata Tolli, Virgínia Gandres e Joaquim Maná Huni Kuin, teve como inspiração a cosmovisão dos povos indígenas Huni Kuin, que vivem na região amazônica peruana e brasileira. Trata-se de uma novela, caracterizada como infantojuvenil, que narra a história de uma menina de nove anos de idade chamada Mukani. Essa menina é considerada mágica, por ter a habilidade de se comunicar com os animais, com as plantas e com os espíritos encantados Huni Kuin.

A protagonista da narrativa, juntamente com seu irmão Muru, um menino guerreiro, o Pajé Reya e sua esposa Tamani, e os amigos da floresta, a Curica, o Rouxinol e o Tatu - vai lutar com um senhor do mal que havia roubado o fogo sagrado da comunidade Huni Kuin e, com ajuda de capangas gananciosos, queria incendiar a floresta, para transformar a área em pastagens para criação de gado.

A obra traz alguns pontos bastante significativos: primeiro, e certamente, por ter entre seus autores um escritor e pesquisador indígena, como é informado na apresentação do livro: “inspirado nos Mitos Huni Kuin, com a participação do ilustre professor Joaquim Maná Huni Kuin, vamos mergulhar em um mundo mágico, o Mundo Encantado Yuxibu Huni Kuin” (Tolli; Grandes; Huni-Kuin, 2023, p. 8); o segundo ponto é o fato de ter como protagonista uma mulher que tem a sensibilidade de falar com os outros-que-humanos, o que contrapõe justamente as representações patriarciais do colonizador, que pretende dominar a mulher, a terra e a floresta; o terceiro ponto é que a floresta é descrita como o lugar do afeto e não como lugar infernal, como se verifica na seguinte passagem:

No caminho de volta até a aldeia, os irmãos relembraram com alegria as brincadeiras das crianças que gostam de se pendurar nos cipós das grandes árvores para ficarem suspensas no ar, livres, deslizando sua energia no frescor verdejante da floresta. Dessa forma, podiam calmamente relaxar o corpo e a mente até se sentirem bem à vontade, soltando todos os músculos do corpo (Tolli; Gandres; Huni-Kuin, 2023, p. 24).

No excerto em destaque, a floresta é representada como um lugar de vivências, um cipoal de afetos. Nesse lugar, é possível conversar com os animais não porque eles falam como gente (como são antropomorfizados nas fábulas), mas porque Mukani e alguns membros de sua comunidade têm a sensibilidade de falar com/como eles, de entendê-los.

Os animais são retratados como seres de subjetividade, inteligentes, capazes de se comunicar e de ter sentimentos, como fica explícito no seguinte trecho:

A mata estava coberta de fumaça, Mukani e Muru se desesperaram. Então perceberam que surgiam os primeiros raios de luz e eles ainda não tinham voltado para casa [...]. – O pai e a mãe vão nos matar! – disse Muru, enquanto sua irmã estava paralisada ouvindo os gritos dos animais (Tolli; Gandres; Huni-Kuin, 2023, p. 39).

Na passagem subscrita, podemos apontar diversos sentidos ligados à ecocrítica: de um lado, a menina, que está na floresta à noite, escondida dos pais, porém que se comove com a dor dos outros-que-humanos; por outro lado, a narrativa reconhece a dor que os animais sentem. Evidentemente, essa mesma narrativa expressa a violência impingida por aqueles gananciosos, que não respeitam os animais e seus habitats.

O estudo de Benedito Nunes (2011), no artigo *O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura* (2011), embora falando do contexto norte-americano, também pode ser aplicado à realidade brasileira, uma vez que esse texto, embora ficcional, encontra eco na realidade vivenciada. Nas palavras do autor, “o sofrimento que infligimos a eles, os seres não-humanos, pode ser extremo, e o número de indivíduos implicados pode ser extremo (Nunes, 2011, p. 17). Portanto, embora descreva violências causadas aos animais, o texto também demonstra que o olhar dos povos indígenas é de reconhecimento da alteridade animal.

3.3 Meia Pata e Mukani Descobre sua Força: Característica em Comum

A parir da leitura de Meia Pata, de Ricardo Dantas e Mukani descobre sua força (2023), dos escritores Renata Tolli, Virgínia Gandres e Joaquim Maná Huni Kuin, é possível verificar algumas características em comum em ambas as obras. A primeira delas é a descrição da floresta, a narrativa está ambientada na Floresta Amazônica, a qual é descrita como um lugar majestoso e receptivo para o humano.

A segunda peculiaridade, é o encontro entre culturas, não-indígenas com culturas indígenas (em Mukani descobre sua força, os Huni – Kuin e em Meia Pata os Macuxi), ao mesmo tempo, há tentativa de dominação da natureza a partir dos conhecimentos indígenas.

A terceira particularidade, é o encontro do humano com outros-que-humanos, nesses encontros, os indígenas são respeitosos com os não-humanos enquanto que os não-indígenas terminam buscando a dominação e o aniquilamento do animal.

A quarta qualidade e não menos importante, é o reconhecimento, em ambas as narrativas, da

subjetividade animal, embora há sempre a busca, por parte dos não-indígenas de destruir o habitat dos animais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise que aqui apresentamos se deu de forma ainda inicial, com um olhar voltado para a Ecocrítica, e de modo algum tivemos a pretensão de esgotar o assunto a respeito das obras estudadas. Entretanto, percebemos que, embora alguns autores falem de fora da região amazônica, todas as obras podem ser consideradas como amazônicas, por retratarem ficcionalmente, em forma de linguagem e imaginação, com muita propriedade, representações sobre as localidades, as florestas, os animais e as pessoas que aqui habitam, levando-nos a questionar algumas representações que já estão postas, como aquelas estabelecidas por Euclides da Cunha (2009) e pelos romances clássicos da literatura, como os de Rangel (2021), Taunay (1874) e Potiguara (1998).

A partir deste estudo, podemos afirmar que as obras analisadas podem ser consideradas Ecocríticas, uma vez que reconhecem a subjetividade animal. Por outro lado, as obras demonstram a violência do humano contra os animais, a irracionalidade humana, a ganância, a destruição das florestas e, ao mesmo tempo, evidenciam que existe a sensibilidade humana para reconhecer a alteridade animal, como no caso de Mukani.

Desse modo, além de serem amazônicas, por terem como objeto a Amazônia, e de serem consideradas Ecocríticas, por retratar a subjetividade animal, essas obras fogem das características da literatura que comumente se produziu nessa região, uma vez que descrevem as florestas, embora sendo ameaçadas, tanto em Meia Pata, por uma empresa que está fazendo um Manejo Florestal para retirar as árvores como em Mukani descobre sua força, pelo fogo, sendo a floresta o último refúgio dos animais, lugar dos afetos para os seres humanos indígenas.

Portanto, podemos afirmar que a floresta (considerada por alguns como o “inferno”) não é o inferno por si mesma. O “inferno” é causado pelas ações humanas colonizadoras que ameaçam a vida dos animais e das populações nativas.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo: revisitado. In: Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 447-456, 2024.

DOI: 10.29327/210932.12.2-30. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/8211>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ASOCIACIÓN Interdisciplinar Iberoamericana de Literatura y Ecocrítica. Disponível em: <http://www.asociacionecocritica.org/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

DANTAS, Ricardo. **Meia pata**. Natal: Unilivreira, 2022.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão Amazônica, literatura da Amazônia ou literatura Amazônica?. In: **Revista Graphos**, v. 6., n. 2/1, p. 111-116, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9540/5188>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica**: a árvore, o animal e o homem. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

FREIRE, Beatriz; ALBANO, Adriano. **O animal humano e o inumano em Meia Pata de Ricardo Dantas**. Porto das Letras. [s. l.], v. 10, p. 253-267, 2024. Disponível em: [17+O+animal+humano+e+o+inumano+em+Meia+Pata+de+Ricardo+Dantas+REV+\(1\).pdf](https://17+O+animal+humano+e+o+inumano+em+Meia+Pata+de+Ricardo+Dantas+REV+(1).pdf). Acesso em: 13 abr. 2025.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: UnB, 2006.

GUIMARÃES, Jonas Aparecido. O que critica a ecocrítica?: o humano, o não-humano e o sujeito ambiental. **Dossiê Literatura e Ecocrítica**. n. 72, p. 1-15, 2024.

DOI: 10.1590/2316-40187212 Disponível em: <file:///C:/Users/Lopes/Desktop/ARTIGOS%20PRONTOS/ARTIGO%20LITERATURA%20PAN-AMAZ%C3%94NICA/O%20QUE%20%C3%89%20ECOCR%C3%88DTICA.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MACIEL, Maria Esther. Poéticas do animal. In: MACIEL, Maria Esther (Org). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: UFSC, 2011, p. 85-102.

MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2009.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (Org). **Pensar/escrever o animal**: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: UFSC, 2011, p. 13-22.

POTYGUARA, José. **Terra caída**. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. 5. ed. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Tradução de Marly Winckler e Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

SILVA, Alison Marcos Leão da. **Amazonas**: natureza e ficção. São Paulo: Annablume; Manaus: FAPEAM, 2011.

SILVA, Alison Marcos Leão da. Literatura Pan-Amazônica. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. Uwa'küru – **dicionário analítico**, v. 2. Rio Branco: NEPAN, 2017. p. 167-178. Disponível em: <https://www.nepaneditora.com.br/pagina-de-produto/uwa-k%C3%BCr%C3%BC-%C3%A1rio-anal%C3%ADtico-v-2>. Acesso em: 03 dez. 2025.

TOLLI, Renata; GANDRES, Virginia; HUNI KUIN, Joaquim Maná. **Mukani descobre sua**

força. 2. ed. Curitiba: Inverso, 2023.

TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle. **A retirada da Laguna.** Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Tipografia Americana, 1874.

TONAZI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa.** 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.